

## JOGOS SEMÂNTICOS, EFEITOS DE SENTIDO E AÇÃO COGNITIVA NAS NOTÍCIAS

Luiz Gonzaga Motta\*

**Resumo:** *Estudo empírico sobre os jogos de linguagem nas notícias. Analisa o jogo semântico de co-construção de sentidos que se processa entre as intenções lingüísticas e extralingüísticas do sujeito enunciador, por um lado, e os reconhecimentos e interpretações do sujeito receptor, por outro lado. Observa a performance lingüística que ocorre no ato de comunicação jornalística: o jogo de co-criação de sentidos entre jornalista e leitor. Todas as notícias analisadas relatam ocorrências insólitas e realçam aspectos inverossímeis da realidade. Essas notícias foram selecionadas de jornais de referência porque sua linguagem mais permissiva (menos objetiva) permite melhor observar o jogo entre as intenções do jornalista e os reconhecimentos do leitor. O estudo revela o rico jogo semântico da comunicação jornalística e mostra que as notícias comunicam muito mais que seus conteúdos literais: geram efeitos estéticos e processos cognitivos e simbólicos diversos.*

**Palavras-chaves:** teoria da notícia; jogos de linguagem; efeitos de sentido; pragmática; notícias do insólito.

---

**Objetivo:** O objetivo deste estudo é observar o jogo de co-construção de significados que se processa através dos relatos das notícias. Observar as marcas nos textos das notícias que repassam outras “instruções de uso” aos leitores, além do conteúdo literal.

A metodologia do estudo é a análise pragmática e retórica da notícia.<sup>1</sup> De acordo com os princípios da pragmática, o relato de uma notícia não informa algo apenas. Ele não é só uma sentença lingüística declarativa que repassa linearmente informações, como querem fazer crer os manuais de redação. O repasse de conteúdos informativos predomina em toda a comunicação jornalística, evidentemente. Mas, simultaneamente ocorrem outras coisas, talvez mais significativas. O relato de uma notícia desencadeia uma performance cognitiva e ativa outros efeitos de sentido. (Motta, 2004).

---

<sup>1</sup> A pragmática é a disciplina que estuda como os seres interpretam enunciados em contexto: as relações entre os participantes do ato comunicativo, o co-texto lingüístico imediato na situação de comunicação. O ato de fala, o texto no contexto. (Reyes, 1994)

Em primeiro lugar, evidentemente, o relato de uma notícia informa algo, transmite conhecimento. Mas, a notícia faz muito mais: legitima o lugar do comunicador, pode afirmar ou negar algo, ativar experiências cognitivas e simbólicas mais ou menos intensas, dependendo do léxico, da retórica jornalística e das implicaturas sugeridas no título, ilustração, imagens, fotos ou texto.

O desencadeamento de efeitos depende dos recursos de linguagem utilizados. Quando o texto é mais objetivo (mais referencial) a tendência é provocar o “efeito de real”. Quando o texto tende para uma linguagem metafórica (o que ocorre mais frequentemente no jornalismo do que se imagina), outros efeitos estéticos são ativados.<sup>2</sup> Além de repassar informações, os enunciados das notícias podem ironizar, debochar ou criticar coisas e pessoas. Diversos outros atos ocorrem simultaneamente, dependendo de como se realiza o jogo de significações. (Motta, 2005).

Se a linguagem é imperativa (mais comum), o efeito é ratificar ou fixar coisas. Se for negativa, estará desautorizando. O relato pode também provocar o efeito da surpresa ou espanto, caso as ocorrências enunciadas se choquem com os conhecimentos institucionalizados. Quanto mais a ocorrência anunciada se contraponha à ordem das coisas, mais chocará e maior o efeito surpresa. E assim por diante, como a maioria dos enunciados humanos, a notícia realiza várias coisas simultaneamente ao ato de repassar informações.

**Objeto de Análise: a ocorrência do “imaginário das fadas” no jornalismo** – Nos usos extremos da linguagem jornalística, quando ela cede aos encantos literários, pode-se observar os efeitos de sentido, além do efeito de real. Quando oscila para os limites entre a objetividade e a subjetividade, o texto jornalístico permite observar mais de perto como o mistério da linguagem se revela no fascinante jogo entre intenções e interpretações.

Para examinar essas oscilações da linguagem jornalística e seus efeitos de sentido, escolhemos analisar quatro notícias de interesse humano (*soft news* para os americanos, *fait divers* para os franceses) cujos enunciados se fundamentam na inusitabilidade do fato anunciado. O texto dessas notícias é mais leve, contamina-se do literário, a linguagem escorrega da objetividade para subjetividades, como veremos. Impregna-se de metáforas e pressuposições. Nessas situações, podemos observar melhor os efeitos cognitivos e simbólicos do jornalismo.

---

<sup>2</sup> O uso da expressão “efeitos estéticos” referindo-se ao jornalismo pode causar estranheza. Insistimos na expressão “efeitos estéticos” porque as notícias ativam a imaginação do receptor tanto quanto a literatura ou o cinema. A imaginação é estimulada para completar as significações parciais das fragmentadas notícias e dar vida ao texto jornalístico.

As quatro notícias selecionadas para este estudo relatam ocorrências singulares e inverossímeis dos fatos. Referem-se a fatos incríveis e mantém esse valor-notícia como determinante de sua publicação nos jornais. Há em todos os fatos anunciados uma causa real que tende a ser apresentada como imaginária ou ação divina. Em alguns relatos ela é apresentada como uma causa implícita (uma coincidência ou “o destino”). Como nos contos de fada, as histórias relatadas começam com uma situação real problemática onde algo intervém para ajudar. Ocorrem então situações que necessitam da suspensão da lógica e da causalidade racional.

Há em comum nos fatos relatados um efeito que é explicitado, mas que remete a intervenções supra-reais de criaturas ou objetos. Alguns relatos remetem a uma fé necessária, a uma esperança que parece “chamar” a intervenção de sentimentos superiores. A fantasia parece preencher lacunas na compreensão de conseqüências inusitadas na medida em que a realidade, sozinha, não pode dar conta do acontecido.

Existe hoje uma ampla literatura sobre o papel desses agentes mágicos nos contos e na literatura infantil. Baseada em conceitos psicanalíticos, diz essa literatura que as fadas representam os poderes do homem de construir na imaginação os projetos que ele não pode realizar na vida real. Entidades nascidas de uma concepção mítica do universo, a função simbólica dessas figuras nas histórias é a de um agente transformador, madrinha ou anjo da guarda que protege, ajuda ou castiga os homens em seus desafios morais e éticos.

A significação das fadas, detentoras da magia e dos destinos dos homens, é variada. Algumas interpretações exageram no simbolismo, identificam esses agentes como figuras arquetípicas primitivas e como desejos psicanalíticos recalçados. Para Bruno Bettelheim (2000), analista conceituado das histórias infantis, os contos de fada são uma permanente busca de significados: a vida é freqüentemente desconcertante e para entender o mundo complexo com o qual tem de lidar, os seres humanos necessitam idéias para colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso, colocar ordem na sua vida.

Os contos de fada estimulam a imaginação, ajudando os indivíduos a desenvolver o seu intelecto e a tornar claras as suas emoções, reconhecer as dificuldades e encontrar soluções. Bettelheim diz que os contos de fada lidam com problemas humanos universais e transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente e ao inconsciente. Ajudam a pessoa a atingir essa compreensão não de forma racional, mas através de processos de familiarização com os enigmas e suas soluções, através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta às pressões inconscientes.

Franz (1990) é mais afirmativa. Diz ela categoricamente que os contos de fada são a expressão mais pura dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Segundo ela, os contos de fada resultaram de um desejo popular de contrapor uma sabedoria mais vital e terrena aos ensinamentos cristãos. Sua hipótese é que as formas originais dos contos de fada se desenvolveram a partir de sagas locais e histórias parapsicológicas, invasões do inconsciente coletivo sob a forma de alucinações. Quando alguma coisa estranha ocorre, diz ela, logo é cochichada e corre, como acontece com os boatos, re-emergindo enriquecido de representações arquetípicas já existentes. Progressivamente, vai se transformando num conto. O que essa autora junguiana quer destacar, entretanto, não são os fatores históricos ou sociais, mas os aspectos psicanalíticos ou arquetípicos.

Não vamos avançar demais as reflexões sobre os contos de fada porque as notícias analisadas em seguida nada têm a ver com os contos. São relatos mais realistas, curtos e fragmentados. Queremos apenas estudar o papel do agente transformador nos relatos jornalísticos e os efeitos de sentido que sugere na compreensão da notícia. Observaremos como opera esse “imaginário das fadas” na comunicação jornalística.

Utilizaremos como referência a estética literária do fantástico, que se aproxima da estética do incrível. A estética do fantástico literário, que se consolidou nas últimas décadas, nos ajudará nas interpretações (Todorov, 1975; Roas, 2001). Mas, não pretendemos fazer uma comparação entre o rico fantástico literário e as brandas expressões do insólito no jornalismo. Os fenômenos são de natureza distinta, não cabe compará-los. Tomaremos o fantástico literário apenas como uma referência.

Não alimentamos expectativas de encontrar no jornalismo nada semelhante ao fantástico literário nem ao fantástico da cultura popular. Nem alimentamos expectativas que o fantástico exista no jornalismo em manifestações acabadas de sentido, como ocorre no conto ou no cinema. A notícia é um relato breve, fragmentado, superficial, aborda os assuntos de forma objetiva e direta.

Uma última palavra antes de passarmos às análises empíricas. Todas as cinco notícias foram selecionadas de jornais de referência, que têm com os seus leitores um “contrato cognitivo” particular. Como jornais de referência, eles supostamente dizem a verdade, de forma “séria”, direta, objetiva, sem literatura ou pressuposições. É assim que os leitores os lêem: eles acreditam que esses jornais estão dizendo a verdade e nada mais que a verdade. Assim, produz-se regularmente o “efeito de real”. É no transcurso desse contrato comunicativo “sério” que o leitor tem com os jornais de

referência que outros efeitos se produzem e ganham uma dimensão estética. Esses outros efeitos operam como uma “burla” do contrato cognitivo. Se os jornais fossem populares, o “contrato cognitivo” seria de outro tipo e os efeitos gerados seriam de outro gênero. As análises e interpretações são conduzidas tomando em conta o “contrato” *jornal de referência-leitor*.

### **Análise 1: Americano Vira Barão - O Globo, 08/08/1988 (ANEXO I)**

A primeira notícia analisada relata a história de um cidadão norte-americano comum que, de uma hora para outra, é adotado como herdeiro e continuador de uma linhagem aristocrata européia, por obra do puro acaso. O cidadão recebe o título de barão, uma fortuna em dinheiro, propriedades e um castelo medieval de uma família da Alemanha, sem que ele esperasse por isto. História bastante inverossímil.

A notícia saiu em *O Globo*, um jornal de referência nacional. Foi escolhida para nosso estudo por causa do alto grau de inusitabilidade da história narrada, decorrente das diversas causas que atuam conjuntamente para que um fato incrível viesse a ocorrer. Está presente, portanto, a obra do acaso (uma causalidade extra-ordinária).

Na verdade, estamos lidando aqui com causalidades múltiplas que T. Todorov chama de pandeterminismo, ou o encontro casual de diversas causas para explicar um determinado evento (embora o autor se refira a causas imaginárias do relato literário fantástico, enquanto no relato jornalístico as causas são todas realistas). A causalidade incomum é explicada logo no subtítulo da matéria e prossegue ao longo do texto, retirando qualquer possibilidade de a história vir a ser interpretada como estranha ou maravilhosa, efeitos de sentido típicos da linguagem literária.

A linguagem do texto reafirma o tempo todo que tudo é real. Informações precisas como nome do cidadão, a idade, o local de residência, o número de candidatos a barão, a razão lógica da escolha. Detalhes financeiros são acrescentados para conferir absoluta veracidade ao evento. O relato pode sugerir hesitação e incredulidade do leitor por ser um fato surpreendente demais para ser verdadeiro, mas as inúmeras informações do texto aderem o fato à realidade e impedem a passagem a emoções que solicitam uma suspensão mais radical do efeito de realidade.

Mas, há interessantes jogos de linguagem a recriar efeitos de sentido. Simbolicamente, essa história poderia ser interpretada desde uma perspectiva psicanalítica. Neste caso, a televisão poderia vir a jogar o papel de um agente transformador, pois é ela que permite ao

cidadão candidatar-se a barão, o que desencadeia toda a transformação. A televisão não seria um mero objeto, simbolizaria um agente de transformação, uma fada imaginária. Nessa perspectiva, a notícia permitiria uma interpretação que se inclinaria para o conto maravilhoso mais que para um relato insólito. Mas, nossa interpretação explora outras nuances, como veremos.

Há na história a transformação de um estado de escassez ou mediocridade para um estado de riqueza, nobreza e distinção como estatutos de felicidade, como ocorre nos bons contos maravilhosos tipo Gata Borralheira ou O Gato de Botas, onde alguma entidade ou coisa divina intervém para operar a transformação de um estado a outro, magicamente, proporcionando maior distinção à personagem principal. O relato da notícia é demasiado compacto, fragmentado e superficial, nem tem consistência suficiente para a realização de uma interpretação simbólica semelhante àquelas que ocasionalmente fazemos a respeito dos contos de fada. Mesmo assim, permite algumas digressões neste rumo.

Bettelheim observa que os contos costumam revelar que, escondidas em algum lugar, as boas fadas madrinhas, detentoras do destino dos homens, observam continuamente as pessoas prontas para afirmar o seu poder quando for necessário. Repassam, portanto, uma mensagem moralista: “embora existam bruxas, nunca se esqueça que também existem boas fadas, muito mais poderosas” nos diz ele.

A crença em tais possibilidades precisa ser alimentada de modo que as pessoas possam aceitar as decepções, os aborrecimentos e fastios da vida sem se sentirem derrotadas. O exemplo dos contos fornece a segurança que as pessoas precisam receber para a lida diária da vida: ocorrências eventuais podem recompensar os esforços e a confiança. A mensagem moral é de otimismo e esperança permanentes. Diz o autor que, para desenvolvermos nossas personalidades de modo integral, temos de ser capazes de ter fé e manter acesa a confiança básica para realizar o que é melhor na vida. Os contos infantis realizam essa tarefa, conclui.

A história relatada pela notícia em exame não revela nenhuma privação do sujeito para receber uma recompensa, como costuma ocorrer nos contos de fada, e tem muito de inverossímil. Mesmo assim, não impede que o enredo relatado repasse uma branda lição de fé, de esperança em algo indefinido, esperança de um poder extraordinário que poderá vir a recompensar os esforços de qualquer um de nós, como aconteceu inesperadamente com o americano que virou barão.

Note-se que a história vem amarrada por um fio negro que a separa das outras notícias da mesma página. O fio isola o relato incrível das demais notícias “sérias”, para não

contaminar o “bom e objetivo” jornalismo da imprensa de referência. Demarca a fronteira entre os fatos jornalísticos considerados sérios apresentados em linguagem objetiva e os fatos que os editores do jornal consideram possíveis de serem tratados em linguagem mais liberal.

Além disso, há uma ilustração irônica, frequentemente utilizada pelos editores nesse tipo de matéria (raramente nas notícias “sérias”) para lembrar aos leitores que se trata de um caso verdadeiro sim, mas que deve ser lido como um conto divertido. Como se os editores quisessem subjetivamente advertir aos seus leitores para rir do acaso: não contem com a sorte, a vida é outra, não embarquem demasiado na fantasia. Jornalisticamente, o acontecimento é relevante. Mas aqui os editores se utilizam de recursos da linguagem narrativa para transformar o texto em um breve relato hilário cuja função parece ser descontrair, não necessariamente informar o leitor.

A comicidade tem mais significações ainda. É interessante observar como a inverossimilhança radical da ocorrência, embora real e objetivamente identificada, subverte a razão do texto jornalístico, levando os editores a preferir estimular a imaginação dos leitores. Quando o fato é demasiado inacreditável, a realidade é relatada de maneira quase ficcional, levando a versão jornalística dos fatos para um viés irônico.

A edição, diagramação e ilustração, tema e linguagem se somam aqui para realizar outras ações cognitivas diferentes daquelas pretendidas pela pura informação jornalística: revelam a variedade de intenções que motivam os jornalistas a publicar certos fatos e a variedade de efeitos que as notícias podem provocar.

*O que se comunica é muito mais que o conteúdo proposicional explícito:* realiza-se um jogo semântico de co-criação de sentidos, rico e variado, solicitando uma interpretação cooperativa do leitor rumo à fantasia e à significação simbólica, muito além do simples repasse de informações.

## **Análise 2 – Uma carta à procura de um destinatário – O Globo, 13/06/94 (ANEXO II)**

A segunda notícia analisada foi também publicada no jornal *O Globo*, um jornal de referência nacional. Relata a história de uma carta enviada desde Israel ao Brasil apenas com o nome do destinatário, residente na cidade do Rio de Janeiro, sem qualquer endereço que orientasse os serviços de correios. Em situações normais, dificilmente essa carta chegaria ao seu destino, pois quando não há endereços nos envelopes, as cartas são rejeitadas. Graças à obstinação de um agente

zeloso que procurou por sobrenomes iguais ao destinatário no catálogo telefônico e ligou para vários números até encontrar alguém que pudesse localizar a pessoa, a carta foi entregue na residência desejada, fato incomum de acontecer.

É a inversão do desfecho esperado ou a improbabilidade de tudo acontecer tal como aconteceu que faz do fato um acontecimento jornalístico. Mas o destaque principal do relato não é exatamente para a raridade do fato de uma carta sem endereço ter chegado ao destinatário, um valor-notícia em si. O destaque do texto é para a intervenção do agente que causa a inversão: a chegada da missiva às mãos da pessoa certa. Esse agente é a fada da história, o ser que transforma o impossível em possível, que se transfigura de agente em uma entidade bondosa, quase divina. A frase de abertura do texto (um “nariz de cera”, no jargão jornalístico) já insinua o nível místico que prepara o leitor para ler a história: “A fé nos Correios remove barreiras”, diz a frase, antes dos fatos serem introduzidos. A boa ação da fada da história é valorizada: “Os Correios nos deram um exemplo dignificante”, destaca uma frase da personagem que, na história, recebe o benefício.

Embutida neste relato há uma clara intenção de exaltar a boa ação de alguém. Além dos significados proposicionais, há um efeito de moral pretendido, uma lição a ser apreendida. A intenção do jornalista não é só contar a história, é mostrar e exaltar um exemplo. Está presente a mensagem de otimismo, de esperança e de fé. A carta chegou ao destino não apenas devido à ação do carteiro, mas também graças à crença do emitente que “parecia convencido de que a carta chegaria ao seu destino”. Sem fé, não há milagres, diz a sabedoria mística. Tanto na lição aprendida como na necessidade da fé, a notícia se insinua no reino da fábula e valoriza a ação de uma fada-madrinha (o agente dos correios), na qual o leitor identifica os mistérios do milagre.

Neste caso, o jornal não esconde suas segundas intenções: a notícia também vem cercada por um fio que a separa das demais, indicando uma outra leitura além daquela puramente informativa. O que está dentro do fio deve ser interpretado de forma diferente das demais *hard news*. Neste espaço, os jornalistas se consideram livres para narrar, para jogar com efeitos figurativos e poéticos. Fica mais fácil para o destinatário da relação comunicativa interpretar integralmente os segundos sentidos, as significações metafóricas ou simbólicas pretendidas. Aqui, trata-se de uma lição de moral: assim os editores pretendem que a notícia seja interpretada.

### **Análise 3 – Pistoleiro de coração mole – O Globo, 12/03/88 (ANEXO III)**

A história desta notícia relata o bizarro caso de um matador profissional que se apaixona pela mulher que deveria matar, encantado por seus dotes e simpatias. O fato ocorreu em



São Leopoldo, município próximo a Porto Alegre. Ao se aproximar da mulher, o pistoleiro achou-a encantadora, embora houvesse sido contratado para matá-la. Foi seduzido pelo cupido, pelos dotes, gentileza e educação de quem deveria ser sua vítima fatal. Afinal, ele não consuma o ato e se alegra ao ser preso. Um paradoxo radical.

Como introduz de imediato o título, a matéria revela uma improvável, mas verdadeira inversão de expectativas pela intervenção de algo imaginário. Esse agente imaginário aqui não é uma pessoa, objeto nem o acaso, como nos relatos anteriores, mas o amor (o mito de Eros, de Amor, do cupido). O cerne da história relatada é uma radical inversão de expectativas, pois o matador foi contratado para levar a cabo um assassinato, um ato de extermínio. Cede, entretanto, aos encantos da mulher e apaixona-se por ela, revelando-se terno e sensível. Pistoleiro de coração mole é uma reversão, algo que não deveria ocorrer. Um paradoxo.

A história revela a ação de uma causalidade única, a paixão inesperada do pistoleiro pela mulher, ocorrência que é o cerne do enredo. É em torno do absurdo que o relato é construído. Sobre uma materialidade que poderia ter sido cruel, realiza-se uma imprevisibilidade paradoxal, uma indeterminação aleatória contra-fática e desarmônica que obscurece e rompe com os sentidos esperados e que solicita enfim uma teleologia adicional. A discrepância explica-se, afinal, pela transcendência mágica do amor, um sublime sentimento.

Mas, o que revela essa inversão? O que, de fato, transformou esse fato em notícia tal como ela está publicada? Nesta notícia o centro expressivo não é o seu valor informativo, mas sim as significações que giram em volta dos acontecimentos. O conjunto da notícia explora a ambivalência de temas em torno da dicotomia amor-morte, desejo-impedimento, confrontando opostos. Eros é o princípio da vitalidade se opõe à pulsão de morte (tanatos). Embora seja uma noção controvertida na teoria de S. Freud e só refinada na evolução posterior das idéias freudianas, a pulsão de morte se insere no dualismo contrapondo-se à pulsão de vida. (Laplanche e Pontalis, 2000).

Essa dualidade não está clara no conteúdo da história, mas parece fazer parte da proposição de mundo que a notícia traz, revelando a provável intenção dos editores do jornal: jogar com os ambíguos sentidos da contradição vida-morte, contradição que certamente compartilham com os seus leitores ao estabelecer tal comunicação. A concepção dualista amor-morte, vida-morte é fundamental no pensamento freudiano porque revela os conflitos e se traduz muitas vezes na noção de pares de opostos que sustenta a sua teoria das pulsões, especialmente quando se trata de Eros.

O conjunto desta notícia revela a força da dualidade amor-morte, e parece-nos que essa é a sua significação principal. Relato de um fato real, o texto da notícia está permeado de detalhes em torno do contratante, do pistoleiro, da vítima e, principalmente, da intriga que estrutura a narrativa, revelando que o absurdo (ou inusitado) acontece na vida real. No relato noticioso fica claro a sublime e implícita ação de Eros, que flechou o pistoleiro para não deixá-lo consumir um ato bárbaro, o assassinato contratado por dinheiro.

Seguindo a T. Todorov, estaríamos diante de uma das constantes da literatura fantástica, a existência de seres ou entidades mais poderosas do que os homens, que substituem as causalidades deficientes. Na vida cotidiana, segundo ele, fatos se explicam por causas conhecidas enquanto outros nos parecem devidos ao acaso. Ao destino, diria o sociólogo alemão Georg Simmel (2001). Nesta interpretação, não haveria ausência de causalidade, mas sim a intervenção de uma causalidade com claros sentidos, ainda que não diretamente ligada às outras séries causais que regem a nossa vida.

#### **Análise 4 – Final feliz para um amor cego – O Globo, 09/04/94 (ANEXO IV)**

Outra notícia cuja causa acionadora da ação insólita relatada é o amor. Conta a história de um casamento impossível entre uma senhora de 93 e um rapaz de 23 anos, que aconteceu na cidade de Bardinetto, na Itália. A inversão aqui é a diferença de idade entre o casal, pois ordinariamente jovens se casam com outros jovens e anciãos, quando acontece de se casarem, casam-se com pessoas com menor diferença de idade entre si, com mais discrição e menos pompa. O inusitado do fato é um casamento surpreendente, que precisa ser explicado.

Mas, o que os editores do jornal parecem de fato querer é explorar o absurdo da diferença das idades dos pares no casamento: Eros, energia cósmica fundamental, princípio da vida, rejuvenesce e é capaz de realizar tudo pela força do desejo, independente dos obstáculos. Representa “o instituto que permite aos homens reencontrar momentaneamente sua unidade primordial, a felicidade”. (Brunel, 1997, pág.322).

O relato gira em torno de explicações para as causas do inusitado acontecimento, revelando gradualmente que todos os obstáculos que podiam impedir o evento foram sendo superados pelo casal. O amor é a força unificadora capaz de superar tudo para juntar não só sexos diferentes, mas também idades distantes. Primeiro, a idosa viúva foi submetida a um exame psiquiátrico e os médicos afirmaram que ela estava perfeitamente lúcida. Em seguida, é explicado que ela é autoritária, tem o apelido de “general” porque decide tudo o que quer (apesar da idade).

Depois, o relato conta que o jovem é carente, tem um problema num dos braços, e ainda assim, trabalhou dois anos como motorista da viúva, sugerindo uma relação íntima e continuada, em que “os dois passeiam e conversam muito”. Finalmente é explicado que quem colocou o nome do noivo no testamento foi ela.

Enfim, todos os obstáculos que possam manchar a sutil ação de Eros vão sendo removidos para fazer crer que, de fato, o inusitado casamento acontece porque o amor é algo sublime demais para ser impedido por causas racionais. O amor “não tem fronteiras”. Mesmo sendo nonagenária, a noiva amorosa chega fresca e primaveril à igreja em “um luxuoso carro branco, com um buquê de rosas brancas e vermelhas nas mãos”. Nada impede o casamento nem nenhuma causa mesquinha ameaça a pureza do amor do casal, por mais inverossímil que o matrimônio possa parecer. O amor é “uma corrente que circula entre deus e o universo; aquele que ama integra-se nessa corrente divina” (Brunel, 1997, pág.323), como dizem os poetas. “Final feliz para um amor cego”, como diz o título.

Ressalte-se, entretanto, certa ironia depreciativa sugerida pela ilustração desta notícia, onde um galante jovem de casaca empurra a cadeira de rodas de uma velha senhora com um buquê de flores (símbolo da juventude do amor) em uma mão e uma bengala (símbolo da idade avançada) na outra. Há um fundo moralista nessa ilustração: juntando símbolos contraditórios, debocha-se do desejo de uma idosa senhora casar-se com uma pessoa jovem. A ilustração parece condenar um amor que pode ser falso: um jovem não pode sentir atração sexual ou afetiva por uma pessoa tão idosa (“três gerações separam os noivos”). Ele pode estar interessado no dinheiro da velhinha (como diz literalmente o texto). Destacando tais aspectos, a ilustração introduz mecanismos de percepção que podem redirecionar a interlocução e permitir interpretações moralistas, ampliando o dinâmico jogo de sentidos estimulado pela linguagem do conjunto (texto e ilustração) da notícia.

**Conclusões:** As quatro notícias analisadas neste estudo contêm em comum, em primeiro lugar, um grau elevado de inusitabilidade: todas foram publicadas nos jornais de referência nacional por causa de inversões absurdas ou paradoxais transformações ocorridas com seus personagens. Revelam aspectos da tragédia e comédia humanas, por isso são classificadas como notícias de interesse humano no jargão jornalístico. Em alguns relatos a inusitabilidade dos episódios está nas causas (por exemplo, a abnegação do agente de correios). Outras vezes, está nas

conseqüências (por exemplo, o matador “flechado pelo cupido” que se apaixona pela mulher que deveria matar).

Mais importante, porém, na produção de efeitos de sentido na comunicação jornalística que procurarmos observar é a indeterminação das causas que operam as transformações dos episódios relatados (causas deficientes, múltiplas causas ou pandeterminismo): a força aleatória que realiza inversões absurdas ou inacreditáveis. Essa indeterminação recebe na literatura o nome de acaso, sorte ou destino, exigindo uma teleologia adicional. A força aleatória subjacente é o efeito moral, o otimismo, a fé, a confiança na vida e nas coisas, que explica os paradoxos: o casamento inexplicável, a incrível ação do carteiro, o paradoxal amor do matador pela vítima. Chamamos essa causalidade imaginária de “imaginário das fadas”. Fatos incomuns ocorrem como conseqüência de causalidades intangíveis, a sorte, o destino.<sup>3</sup>

Ainda que os efeitos emocionais insinuados pelos relatos noticiosos sejam muito efêmeros, eles sugerem uma branda transcendência de primeiro grau. Nesse sentido, e somente nesse sentido, os relatos dessas notícias podem ter um parentesco longínquo com os contos de fada. As fadas imaginárias das notícias são criaturas, objetos ou sentimentos capazes de provocar resultados inusitados. Há, no entanto, uma outra significação que demonstra a força racionalizadora da linguagem jornalística. Frequentemente, como vimos, os editores introduzem elementos lingüísticos ou extralingüísticos no conjunto da notícia (fios, ilustrações, etc.) para reduzir a fantasia e trazer de volta o leitor ao mundo do real. A ironia depreciativa reverte a transcendência para o fático, torna o relato hilário.

Nas notícias analisadas atribui-se um alto valor à sorte, ao acaso e ao destino, um *plus* de significação gerado pela inusitabilidade dos acontecimentos. Meras coincidências podem adquirir um excedente de significação, um sentido que alcança, a partir dele mesmo, uma nova significação como se fora teleologicamente determinado para causar certas coisas. Embora pareça prevalecer a razão jornalística: o efeito preponderante é, muitas vezes, rir do mistério.

---

<sup>3</sup> Há uma passagem na Poética de Aristóteles (2000) ilustrativa da intervenção dessa força divina. Examinando a questão da verossimilhança, o filósofo grego discute a diferença entre o texto de um poeta, que narra o que poderia acontecer, e o de um historiador, que narra o que de fato ocorreu. Ao final, diz Aristóteles, as forma de imitação da vida (a tragédia, a comédia, etc.) não apenas devem descrever uma ação completa (com princípio, meio e fim), mas também descrever fatos capazes de provocar temor e compaixão. Isso ocorre preferencialmente quando os fatos acontecem de forma contrária ao que se esperava, pois assim provocam surpresa maior do que se os fatos acontecessem automaticamente e por casualidade. Diz o argumento do filósofo que os acontecimentos casuais são mais assombrosos quando parecem guardar relação com os seus precedentes. Ele cita então o exemplo da estátua de Mitis, em Argos, que matou o culpado da morte do escultor quando acidentalmente a estátua caiu-lhe em cima no momento em que ele a estava contemplando. Esses fatos não parecem ser obra do azar, conclui Aristóteles. Dai tais temas serem, por isso, “mais formosos”.

As histórias analisadas revelam o rico jogo semântico do texto jornalístico construído através do fático e do imaginário, das insinuações metafóricas e dos recuos racionalizadores que os editores dos jornais de referência parecem gostar de jogar. Eles o fazem utilizando-se da retórica jornalística, figuras de linguagem e recursos gráficos, revelando que escritura e significações estão entrelaçadas e interdependentes na co-construção cognitiva do sentido integral do texto. A análise revelou, portanto, que a notícia comunica muito mais que apenas o seu conteúdo literal. Além dos conteúdos explícitos, o ato de comunicação jornalística estimula a fantasia e a imaginação, realiza outros efeitos simbólicos. Comunica fé e esperança, ironia e deboche, finais felizes, lições de moral, enfim, paradoxais fábulas da vida real.

## **Bibliografia**

1. Aristóteles (2000). Poética. Barcelona, Icaria.
2. Bettelheim, Bruno (2000). A psicanálise dos contos de fadas, S. Paulo, Paz e Terra.
3. Brunel, Pierre (1997). Dicionário de mitos literários, Rio de Janeiro, UnB/José Olympio.
4. Franz, Marie-Louise von (1990). A interpretação dos contos de fada, S. Paulo, Paulus.
5. Laplanche, Jean e J-B. Pontalis (1998). Vocabulário da psicanálise, S. Paulo, Martins Fontes.
6. Motta, Luiz G. (2005). Notícias do fantástico: jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística, revista eletrônica Verso e Reverso, Unisinos, Ano XX, No. 42, [www.versoereverso.unisinos.br](http://www.versoereverso.unisinos.br)
7. Motta, Luiz G. (2004). Jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística, Estudos em Jornalismo, Vol. 1, No. 2, 2º. Semestre.
8. Reyes, Graciela (1994). La pragmática lingüística, Barcelona, Montesinos
9. Roas, David (2001). Teorias de lo fantástico, Madrid, Arco Libros.
10. Simmel, Georg (2001). El problema del destino, in G. Simmel, El individuo y la libertad, Barcelona, Península.
11. Todorov, Tzvetan (1975). Introdução à literatura fantástica, S. Paulo, Perspectiva.

## ANEXO I

16 • O MUNDO

## Americano vira barão

*Pela TV, nobre alemão pediu e conseguiu filho adotivo para continuar velha linhagem*

FERRYSBURGH, Michigan — O americano Dick Hemmelbasch, de 57 anos, assistia tranquilamente ao noticiário de TV de sua preferência quando tomou conhecimento de uma reportagem que fez mudar sua vida. O Barão alemão Theodore Von Leibieg, de 76 anos e sem herdeiros, procurava alguém que quisesse ser seu filho adotivo, para que pudesse dar continuidade a sua linhagem e passasse adiante o patrimônio da família. Hemmelbasch respondeu ao anúncio do barão e terminou sendo o escolhido entre cerca de 10 mil candidatos.

Entre outros bens ele será proprietário de um castelo — o mais antigo da Alemanha e o terceiro mais antigo do mundo ocidental, cujas muralhas de mais de 1.400 anos remontam ao tempo dos romanos. Hemmelbasch, de ascendência alemã — receberá também terras e vinhedos em torno do castelo, avaliados em cerca de de US\$ 10 milhões (CZ\$ 3 bilhões). Entretanto, o herdeiro terá, an-

tes, de pagar US\$ 3 milhões (CZ\$ 9 milhões) relativos a velhas dívidas da propriedade. Se não conseguir pagar esse débito até o dia 15 de outubro próximo, o castelo e as terras serão oferecidas a outros interessados.

"Estou encarando com seriedade o título de barão e o direito de nascimento", disse Hemmelbasch, escolhido porque sua família teve, no passado, estreitos laços com os Von Leibieg. O Barão disse a Hemmelbasch que durante os anos de reconstrução da Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial, os Hemmelbasch, que haviam emigrado para os EUA, enviaram de lá pacotes de ajuda aos Von Leibieg. Hemmelbasch pretende dividir seu tempo entre sua casa em Ferrysburgh e o castelo. "Pelo resto de minha vida, seja ela breve ou longa, vou dedicar meu tempo a renovar a propriedade. Recuso-me a pensar de outra forma. Já penso no castelo como minha casa", observou.



## ANEXO II

## Uma carta à procura de um destinatário

*Família recebe correspondência sem o endereço*

A fé nos Correios remove barreiras. Quando enviou na semana passada uma carta para o primo que mora no Rio de Janeiro, o israelense Marcos Goldbach parecia convencido de que ela chegaria ao seu destino, apesar de não ter escrito o endereço do destinatário. E ele estava certo. Na última sexta-feira, o técnico postal Cordelito Sales, funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, fez chegar às mãos de Maurício Goldbach a correspondência de seu primo.

A carta foi entregue a Samuel Goldbach, primo de Maurício, já que o destinatário não pôde comparecer à sede dos Correios ontem de manhã.



Samuel Goldbach recebe de Cordelito a carta de seu primo em Israel

Maurício Goldbach foi localizado graças à persistência de Cordelito, que já se especializou em descobrir endereços que não constam de correspondências. Na carta de Marcos Goldbach, constavam o nome

do destinatário e a observação: "não tenho o endereço".

Para chegar até Maurício, Cordelito recorreu à lista telefônica, ligando para nada menos do que 12 pessoas. Segundo

Samuel, existem 50 pessoas da família Goldbach no Brasil.

— Os Correios nos deram um exemplo dignificante — afirmou Samuel Goldbach.

Segundo Cordelito, a tarefa, apesar de complicada, já virou rotina. Ele lembra que recentemente conseguiu resolver um problema criado involuntariamente por um carteiro. Dois envelopes contendo fotos se abriram, fazendo com que elas se misturassem. As fotos foram postas nos envelopes, mas, semanas depois, os Correios receberam reclamações de duas famílias: uma de Governador Valadares e outra de São Paulo.

— Uma reclamava por ter recebido fotos de cachorros em vez de fotos de crianças. E a outra dizia justamente o contrário. Foi quando percebemos que as fotos tinham sido trocadas e tratamos de corrigir o erro — contou Cordelito Sales.

ANEXO III

ANEXO IV

**Pistoleiro de coração mole**

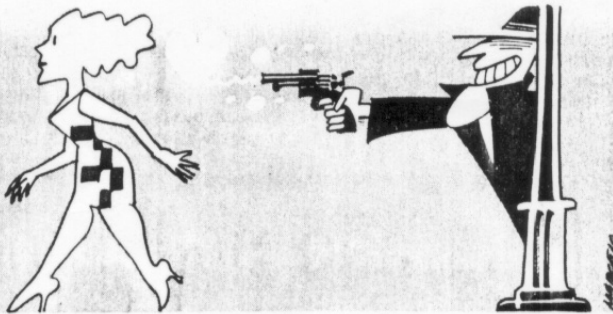
*Contratado para matar mulher por CZ\$ 15 mil, desempregado se rende ao chimarrão e à simpatia da vítima*

PORTO ALEGRE — “Felizmente não deu certo!”. A reação é do desempregado Renato Marques, de 23 anos, ao ser preso anteontem quando tentava cumprir o acordo de matar uma comerciante por CZ\$ 45 mil. Na Delegacia de São Leopoldo, município próximo à Capital, disse que, ao conhecer o seu alvo, Maria Angélica Scholl, de 37 anos, acabou achando-a encantadora. Segundo ele, o plano foi traçado pelo ex-companheiro dela, o oficial de cartório Gaspar do Amaral.

Em seu depoimento, Renato disse que Gaspar teria contratado a morte de Maria sob a alegação de que ela estaria indispondo contra ele o filho do casal, de 3 anos. O motorista de táxi Paulo Vilmar Lacava, que serviu de intermediário na contratação do pistoleiro, também foi preso. Disposto a cumprir o trato, Renato

contou que buscou uma aproximação com a comerciante, no início da semana, quando fez uma pequena compra em sua loja. Voltou nos dois dias seguintes, sendo sempre bem atendido por Maria Angélica, que lhe oferecia chimarrão e chegou a perdoar-lhe um cheque sem fundos. Na quinta-feira, quando apareceu três vezes na loja, ela desconfiou de que seria assaltada e chamou a Polícia. Ele estava com uma pistola tcheca e um silenciador.

Para concluir o inquérito, o Delegado Cleon Lopes espera o regresso a São Leopoldo de Gaspar, que está viajando. É a própria Maria Angélica quem coloca em dúvida a acusação de que ele seria o mandante do frustrado crime. Segundo ela, após a separação, os dois sempre se trataram bem.



**Final feliz para um amor cego**

*Italiana de 93 anos casa com pasteleiro de 24*

Cruz

ROMA — Os italianos Margherita Bazzani e Andrea Pezzoni casaram ontem com toda a pompa. Ela chegou ao cartório num luxuoso carro branco com um buquê de rosas brancas e vermelhas nas mãos. Ele, emocionado, chorou durante toda a cerimônia. O casamento, na cidade de Bardineto, não teria atraído tantas câmeras de TV se três gerações não separassem os noivos. Margherita tem 93 anos e Andrea, 24.



O casal vive junto há dois anos e enfrenta a oposição da família da noiva. Os sobrinhos de Margherita, viúva que trabalha no Centro de Voluntários Sociais em Turim, afirmam que o noivo está interessado na herança. Margherita chegou a ser submetida a um teste psiquiátrico, mas os médicos afirmaram que está perfeitamente lúcida. Ela ganhou o apelido de “general” por seu modo autoritário.

Os moradores de Bardineto, onde os noivos gostam de passar o verão, não estranharam

o final feliz e montaram na praça um coração feito de arroz. Segundo, uma amiga, Andrea — um pasteleiro que trabalhou dois anos como motorista da mulher — tem um problema em um dos braços desde que sofreu um acidente e é um jovem carente.

— Ele gosta muito de Margherita. Eles passeiam e conversam muito. Ele sempre disse que não queria nada. Ela é que decidiu botá-lo no testamento — disse a mãe de Andrea, ex-governanta da noiva.